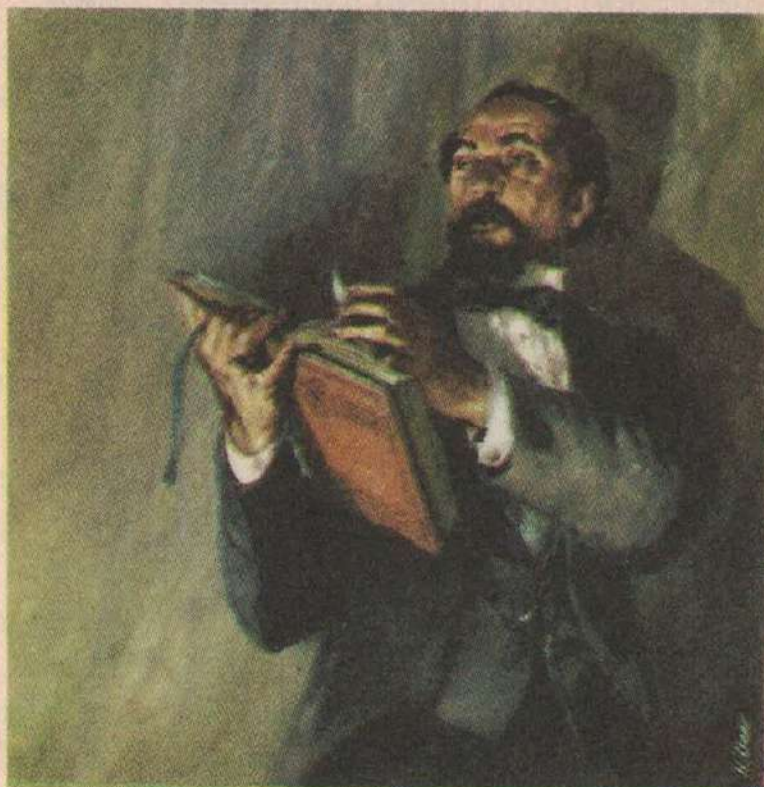


Nosso Absurdo Amigo Charles Dickens

Não havia nada que se lhe comparasse: era o maior espetáculo de um só protagonista

GEORGE DANGERFIELD



CHARLES DICKENS irrompeu no palco da era vitoriana inglesa como uma multidão incontida. Combateu os males sociais com duas das mais poderosas armas do mundo: o riso e o sentimentalismo.

Visitou prisões e asilos de órfãos e protestou contra as condições abomináveis que aí encontrou. Reuniu coragem para assistir a uma execução pública, e, com uma carta ao *Times*, deu início a uma campanha que acabou com o enforcamento como espetáculo público. Chegou a fundar um asilo para prostitutas, com o nome absurdo de Colégio Urânia, onde a mulher decaída podia ser transformada na virtuosa esposa do lavrador colonial, bastando-lhe para isso cultivar um jardim e aprender umas poucas lições simples.

Pobre Dickens! O espírito escolar no Urânia tornou-se um tanto destemperado, e dentro de poucos anos o colégio se tornou um foco de desordem e foi vendido. Não há dúvida de que êle era exuberante demais, como a maioria de seus personagens, e usava roupagem demais, como a maior parte da sua prosa. Quando posou para um retrato, o artista protestou contra a sobrecasaca azul-pavão e os punhos escarlates. “Eu gosto de côres”, respondeu Dickens com sim-

Condensado de “Vanity Fair”

plicidade. Era teatral por natureza, e nunca se desculpava pelo que fazia.

Uma vez divertiu-se maldosamente, obrigando uma jovem a dar mergulhos no mar. Ela era uma mulherzinha dengosa e provocante, e induziu-o a um flêrte que não podia dar em nada. Um flêrte, naquele tempo, levava ao altar, ou não levava a coisa alguma—e Dickens era casado. Ela, porém, foi longe demais nas provocações, e numa noite sem lua êle a segurou dentro da água enquanto a maré subia, até estragar-lhe o melhor vestido de sêda. Dickens reben-tava de rir, e ela chorava de raiva e de medo. “Não te debates, minha pobre avezinha”, declamava êle. “Estás indefesa nas garras de um falcão como eu. Vestido! Não me fales em vestido! Quando o manto da noite nos envolve em trevas lúgubres, quando já nos encontramos à beira do grande mistério, como podem nossos pensamentos voltar-se para mistérios carnis?”

Há também o caso de Maria Beadnell. Dickens a conheceu quando tinha 19 anos e ela era uma belezinha morena de 18, chamada pelos amigos a “Vênus de Bôlso”. Repetidas vêzes ela escondeu Dickens no guarda-louça da família Beadnell. Seu pai, que era gerente de banco, não concordava com as muitas visitas de um jovem repórter de algum talento, mas sem futuro previsível. Por fim, a própria Maria o largou e casou-se com um sujeito estável e meio enfadonho, possuidor de uma renda modesta.

Dickens nunca a esqueceu, e nunca deixou de amá-la; foi ela a origem da Dora Spenlow de *David Copperfield*.

Vinte anos se passaram. Afinal, um dia Dickens recebeu uma carta de Maria, que lhe confessava francamente que sempre o amara.

O casamento de Dickens não dera muito certo, e só ver a letra de Maria o fêz tremer da cabeça aos pés. Foi combinado um encontro, e Deus sabe que brilhante mistura de Maria e Dora êle esperava; o que encontrou foi uma mulherzinha atarracada e suja, dada a beber gim. E foi assim que a Dora Spenlow, de *David Copperfield*, se transformou em Flora Finching, de *Little Dorrit*, o estudo de personalidade mais cruel de tôda a obra de Dickens. Durante 20 anos êle cultivou a imagem de uma mulher ideal, para afinal assassiná-la a fria letra de fôrma.

Quanto mais velho ficava, mais se considerava uma instituição pública—o que na realidade era. Depois de ser presenteado pela espôsa com 10 filhos, Dickens a abandonou—um desafio às convenções vitorianas—porque ela lhe atacava os nervos. Publicou uma explicação bombástica nos jornais importantes e em *Household Words*, sua própria revista.

Depois, quando passou a ser visto em companhia de atrizes, que innocentemente adorava, como adorava tudo o que se relacionasse com o teatro, houve mexericos escandalosos. Mas êle tinha o tipo de persona-

lidade que por instinto corteja o perigo, e de quem o perigo furtivamente se afasta. A Rainha Vitória, pedra de toque de respeitabilidade da classe média, não só lhe concedeu uma audiência como lhe deu de presente um exemplar do seu *Diário*, no qual escreveu a seguinte dedicatória: "De uma das mais humildes escritoras a um dos maiores." Êle sobrevivera a um escândalo, não só com arrogância, mas também com distinção.

Seus livros eram lidos por dezenas de milhares de pessoas. Formavam-se longas filas de gente tremendo de frio do lado de fora das diversas salas onde êle deveria falar. Quando visitou os Estados Unidos, numa dessas filas, em Brooklyn, foram acendidas fogueiras e as pessoas passaram a noite em colchões ao relento, arriscando-se ao congelamento, ou uma pneumonia, pelo privilégio de pagar três dólares para ver que, afinal de contas, tratava-se do espetáculo de um só protagonista mais estupendo da História.

Quando lia suas obras em público, Dickens ficava de pé em frente a uma tela branca, atrás de uma mesa coberta de pelúcia roxa. Um lampião de gás, colocado no chão, projetava uma estranha silhueta na tela atrás dêle. Focalizados dessa maneira, seus olhos, suas sobranceiras e sua bôca mudavam de lugar no rosto como um desenho animado de Disney

Sua voz era capaz de todos os tons e inflexões. Êle podia ser Sarah Gramp, Sam Weller, Scrooge; e

quando a voz de Tiny Tim saía, pura e sem artifícios, de trás da sua barba, ninguém achava incongruente. Seu público gemia, soluçava e ria de estourar. Êle fazia um sucesso imenso, e foi isso que o matou...

Morreu, como sempre prometera a si mesmo, trabalhando. No dia 8 de junho de 1870, passara o dia todo à sua mesa de trabalho, escrevendo *Edwin Drood*. A produção dêsse livro o sobrecarregara excessivamente, mas êle não queria desapontar o seu amado público. Naquela noite, durante o jantar, de repente, caiu e "morreu de popularidade", em 9 de junho de 1870.

Foi enterrado na Abadia de Westminster, com a reverência do seu público e a aprovação da sua rainha. Mais do que isso o século XIX não podia oferecer.

Dickens gostava de boas risadas, lágrimas sentidas, fúrias honestas e um toquezinho de horror, e gostava de dar essas coisas aos outros. Seus romances eram publicados em capítulos mensais, e todos os meses êle era assediado por cartas implorando que mantivesse vivo algum personagem, ou até mesmo que modificasse o enredo. Um sorumbático advogado escocês desatou a chorar com a morte da Pequena Nell; um homem a quem os médicos tinham dado duas semanas de vida agradeceu a Deus porque o número seguinte de *Pickwick Papers* iria sair dentro de 10 dias.

Isso é que era público, e isso é que era homem!